

Por que o Brasil é subdesenvolvido?

7-11-75

GENIVAL RABELO

Se eu começasse dizendo que o Brasil é subdesenvolvido porque dá importância, ouvidos, espaço cativo na chamada grande imprensa, às teorias direitistas do velho professor Eugênio Gudin, apenas estaria sendo tão superficial e inconsequente quanto ele, que chega a afirmar que entre os fatores de nosso subdesenvolvimento se inclui, para sua teimosia, com especial destaque, a construção de Brasília. Na sua subserviência ao que se pensa lá fora, ampara-se no que teria dito a respeito o velho Chanceler Adenauer: "A Alemanha não se poderia ter dado tamanho luxo". Acrescenta Gudin: "Sua capital foi e continua a ser a modesta Cidade de Bonn". Apenas, por excesso de preconceito contra Brasília, deixa de informar que em torno do núcleo antigo da modesta Cidade de Bonn, a administração pública alemã construiu os necessários prédios, em tudo comparáveis à "floresta de palácios" que o octogenário professor localiza, aqui, "numa região economicamente subestéril".

Sua paixão de capacho do capital estrangeiro e de submissão à superioridade racial do ariano sobre o nosso mestiço, que, inexplicavelmente encontra seguidores num país anti-racista como o nosso, cuja formação étnica se baseia na miscigenação chega a ponto de não hesitar em insultar um ex-presidente da República, chamando-o levemente de play-boy, num jornal que se diz "o maior do Brasil". Cabe reproduzir o insulto, que certamente merecerá o repúdio dos bons brasileiros. Diz Gudin:

Um país governado por um play-boy (o mestiço Juscelino Kubitschek), mais ou menos inconsciente, chega à presidência da República e ali pratica atos da maior insensatez, sob as vistas espantadas dos basbaques, sob a tolerância e a inércia dos políticos comodistas, sem que existisse uma opinião esclarecida do país para obstar suas loucuras."

Conclui, enfático:

"Os graves problemas de subdesenvolvimento em que o Brasil se debate nas áreas da Nutrição, da Saúde, da Educação e dos Transportes, são, em grande parte, imputáveis aos governantes que dos anos 20 a 60 não tiveram a capacidade de resolver os problemas vitais para o país e que, nos fins dos anos 50, esbanjavam os recursos de que o país tanto carecia para erradicar a miséria."

Como se vê, para o velho professor, tudo está ruim principalmente porque, "nos fins dos anos 50", se esbanjavam os recursos "de que o país tanto carecia para erradicar a miséria". Ora, foi, precisamente, depois que o velho professor deixou o Ministério da Fazenda, no governo transitório de Café Filho, que o Brasil conheceu um programa de governo com metas definidas e, mais do que isso, com uma filosofia de ope-

rar, visando ao desenvolvimento. Que fez o velho professor quando ocupou o cargo de ministro da Fazenda? Como capacho do capital estrangeiro, fez o que seus patrões de Washington e Londres disseram que fizesse: a instrução 113, que escancarava as portas do país aos apetites do lucro dos trustes internacionais, numa política discriminatória contra o trabalho do povo brasileiro.

Em verdade, se erro grave foi cometido no governo Kubitschek, esse foi o de não ter imediatamente anulado os malefícios da instrução 113, de iniciativa do velho professor, e nunca o de ter efetivado a ambicionada marcha para o Oeste, com a conquista do Planalto Central, integrando-o definitivamente, com a implantação ali da capital da República, na economia nacional e possibilitando a ligação terrestre com a distante Amazônia. Quem não vê em Brasília a pilastra mestra da imensa ponte que une o litoral ao Oeste, ou usa de má-fé, ou realmente não tem inteligência suficiente para aprofundar-se nas exigências geopolíticas.

Como velho ferroviário e pelos postos que ocupou neste país, não seria possível admitir que o Sr. Gudin nada entendia de geopolítica. Que ele não possa compreender os benefícios trazidos para o Brasil com a incorporação à economia nacional do grande vazio até então existente, inestimável fator de produção que eram as terras do vasto Planalto Central, é simplesmente inconcebível. Sua insistência em bater na teia de condenação à transferência da capital, mais de 15 anos depois do fato consumado, tem dente de coelho. Mas, será que o capachismo de mestre Gudin e de outros de seu porte podem a sério responder pelo subdesenvolvimento brasileiro? Pela não erradicação da miséria?

Seria um raciocínio tão primário ou apaixonado como os que insiste em repetir, na grande imprensa e com aplausos de uma platéia comprometida, o velho professor Eugênio Gudin.

Mas cabe lembrar, apenas para aguçar o raciocínio de quem aplaude o velho professor Gudin, que não há no Hemisfério Sul experiência desenvolvimentista, a partir precisamente da implantação de Brasília no Planalto Central, de maior extensão que a brasileira. Outro fato que cumpre assinalar: com as portas escancaradas ao capital estrangeiro, o Brasil nunca soube ou pôde defender razoavelmente, como fizeram os Estados Unidos, o trabalho do seu povo. Para isso, evidentemente, nunca pôde contar com o apoio e boa vontade de homens como o professor Eugênio Gudin. Nunca se cuidou da equitativa distribuição da renda, o que não é preocupação de Gudin.